









VISÕES GEOGRÁFICAS SOBRE QUESTÕES DO MUNDO ATUAL

Geographic views on current world's issues

http://doi.org/10.17648/revistaterritorialidades-v1n1-10

Pedro de Almeida Vasconcelos

Universidade Católica do Salvador (UCSAL) E-mail: pedro.vasconcelos@pro.ucsal.br Orcid: orcid.org/0000-0002-1859-7154

RESUMO

Este ensaio é resultado de uma aula inaugural proferida no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica de Salvador. Para discutir questões do mundo atual a partir de uma perspectiva disciplinar da geografia, dividi o texto em duas seções: na primeira, me apoio nos livros Grammaire des Civilizations, de Fernand Braudel (1963); The Clash of Civilizations, de Samuel Huntington (1996); The Revenge of Geography, de Robert Kaplan (2012), e Géohistoire de la Mondialisation, de Christian Grataloup (2007). Na segunda, dou destaque à questão do mundo islâmico, tendo em vista seu papel crescente em recentes conflitos internacionais.

Palavras-chave: Mundo Atual. Geografia. Civilizações. Mundo Islâmico.

ABSTRACT

This text is the result of an inaugural class given in the Post-Graduate Program in Territorial Planning and Social Development at the Catholic University of Salvador. To discuss current world issues from a geographical perspective, I divided the text into two parts: in the first part, I draw from the books *Grammaire des Civilizations*, by Fernand Braudel (1963); *The Clash of Civilizations*, by Samuel Huntington (1996); *The Revenge of Geography*, by Robert Kaplan (2012), and *Géohistoire de la Mondialisation*, by Christian Grataloup (2007). In the second part, the issue of the Islamic World is highlighted in view of its growing role in recent international conflicts.

Keywords: Current World. Geography. Civilizations. Islamic World.

INTRODUÇÃO

Os geógrafos, em sua maioria, abandonaram os estudos na escala mundial, assim como aqueles estudos voltados para a realidade concreta. Uma primeira hipótese para explicar esse fato pode ser levantada a partir da hegemonia do pensamento marxista na academia, algo que fez com que as categorias "modo de produção" e "formação social", entre outras, tenham substituído as análises geográficas da realidade concreta – sem falar do peso das questões temporais em detrimento das análises espaciais nos estudos marxistas. Outra hipótese seria a do prestígio da teoria e do pensamento abstrato na academia, em detrimento do exame dos fatos da realidade concreta, considerados apenas resultantes de estudos empíricos.

Os debates sobre a globalização trouxeram de volta a importância das questões mundiais. Ainda que haja pesquisas importantes no Brasil que partiram de uma perspectiva geral, como Milton Santos (2000) e sua crítica à globalização perversa, os principais estudos foram realizados por sociólogos: Saskia Sassen (1991) e seu estudo sobre as cidades globais, e Manuel Castells (1996; 1997; 1998), com sua trilogia sobre a era das informações. Adicione-se os textos que tiveram impacto mesmo fora da academia, como o *Fim da História*, de Francis Fukuyama (1992), assim como o *Fim dos Territórios de Bertrand Badie* (1996), escritos após o fim da União Soviética. Alguns geógrafos, entretanto, mantiveram seus estudos na escala mundial, com destaque para Yves Lacoste (1993), que chegou a editar um volumoso *Dictionaire de la géopolitique*, com 1.700 páginas, além de liderar a publicação da revista *Herodote*. No Brasil uma exceção foi a coletânea *Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo*, organizada pelo colega Rogério Haesbaert (1998)¹.

A redução do papel dos geógrafos nas explicações sobre os fenômenos globais pode ser observada pela participação de experts, sobretudo historiadores e cientistas políticos, nos programas de televisão, com a exceção de Demétrio Magnoli, que tem a formação de sociólogo e doutorado em Geografia. Por outro lado, não geógrafos, como historiadores e cientistas políticos, têm dado grande relevância às questões espaciais, como Robert Kaplan, que publicou o livro *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate* (2012), recuperando os trabalhos dos geógrafos políticos do século XIX, hoje quase esquecidos nos debates atuais².

O convite para tratar desta temática veio do colega Sylvio Bandeira, na época, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica de Salvador (UCSAL), o que foi um desafio para mim, na medida em que minha produção está mais voltada para pesquisas sobre as cidades e, mais especificamente, sobre a geografia urbana histórica.

Por outro lado, eu sempre tive interesse pelas questões internacionais, já que na nossa disciplina se trabalha com diferentes escalas, o que nos leva a tentar entender os fenômenos em diferentes contextos espaciais e temporais. Como exemplo, eu publiquei, nos anos 1990, textos como "A última cruzada?" (1991), sobre a Guerra do Golfo; "Dupla herança imperial: a Comunidade de Estados Independentes", sobre o fim da União Soviética (1993); e, depois de realizar várias palestras, publiquei o texto "A nova(des)ordem mundial" (1993), diante da grande demanda por explicações para o entendimento da reorganização mundial após o fim da URSS³.

¹ Na segunda edição, de 2013, os capítulos tratam de "Os dilemas da Globalização – Fragmentação", por Rogério Haesbaert; "Estados Unidos: ainda a potência dominante no século XXI?", por João Rua; "União Europeia: transformações, crises e desafios da integração regional", por Jorge Luiz Barbosa; China na nova dinâmica global-fragmentadora do espaço geográfico", também por Haesbaert; "O Japão num mundo em busca de sentido", por Ivaldo Lima; "América Latina a Colonialidade do Poder", por Carlos Walter Porto-Gonçalves e Pedro de Araújo Quental; e "África: integração e fragmentação", por Cristina Pessanha Mary.

² Mais recentemente, foi publicado o livro do especialista em relações internacionais e jornalista Tim Marshall, *Prisioners of Geography* (2015), cujo subtítulo é bastante revelador: "Quando a geografia é mais forte que a história".

 $^{^3}$ Vale atentar para o fato de que este texto foi plagiado por um curso de vestibular de Salvador, que o copiou em sua integralidade no manual do curso, retirando o meu nome e as referências bibliográficas.

Nesse sentido, para preparar a aula inaugural na Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, em 2016, que serviu de base para este texto, eu não parti de minhas próprias pesquisas, mas procurei sintetizar as contribuições de colegas, geógrafos e não geógrafos, que trataram das crises mundiais, sobretudo daquelas para as quais o conhecimento das relações espaciais é fundamental para o entendimento das questões nessa escala.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, trato de diferentes textos que examinaram as principais civilizações: *Gramática das Civilizações* de Fernand Braudel (1963), com 343 páginas; *O choque de civilizações* de Samuel Huttington (1996), com 639 páginas; *A revanche da geografia* de Robert Kaplan (2012); com 524 páginas, e *Geohistória da Mundialização* de Christian Grataloup (2007; 2015), com 506 páginas. Na segunda parte do trabalho, analiso mais de perto a questão do Islã.

QUESTÕES DO MUNDO ATUAL

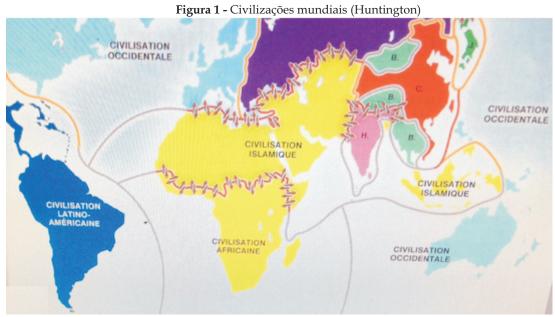
O historiador Fernand Braudel, no seu livro *Grammaire des Civilizations*, de 1963, destacou que as civilizações se definiriam em relação às diversas ciências humanas: são espaços, são sociedades, são economias, são mentalidades coletivas e são, também, continuidades. O historiador analisou as seguintes civilizações. Primeiro, as "Civilizações não europeias": (1) O Islã e o mundo muçulmano, dividido em quatro capítulos, "O que a história ensina", "O que a geografia ensina", "Grandeza e recuo do Islã (séculos VIII-XVIII)" e "O Islã, seu renascimento atual"; (2) O continente negro, composto por dois capítulos, "O passado" e "A África Negra: hoje e amanhã"; e (3) O Extremo Oriente, com seis capítulos, "Introdução ao Extremo Oriente", "A China Clássica", "A China e ontem e de hoje", "A Índia de ontem e de hoje", "Um extremo Oriente marítimo: Indochina, Indonésia, Filipinas, Coréia e Japão" e "O Japão". Em seguida, passou para as "Civilizações europeias": (4) a Europa, com quatro capítulos, "Espaço e liberdades", "Cristianismo, humanismo, pensamento científico", "A Industrialização da Europa" e "As unidades da Europa"; (5) a América, também com quatro capítulos, "O outro Novo Mundo: a América Latina", "A América por excelência: os Estados Unidos", "As sombras e as dificuldades: de ontem até hoje" e "Através do universo inglês"; e (6) a Outra Europa, com dois capítulos, "Das origens à revolução de outubro de 1971" e "A URSS de 1917 aos nossos dias"4.

O meu texto "A nova (des)ordem mundial", publicado em 1993, está dividido nas seguintes partes: (1) "A ordem mundial anterior (1945)"; (2) "Evolução da ordem mundial anterior", dividido em "O Ocidente na defensiva" e "O mundo socialista em expansão"; (3) "A ruptura da ordem anterior (1989/1992)"; (4) "A nova ordem mundial (1993)", dividida em "A hegemonia americana", "A mundialização da economia"; "A consolidação e formação de blocos (integração e multipolarização)"; e "Fragmentação", quando são destacados: a criação de novos estados; os novos desmembramentos de estados; as novas tentativas separatistas; os novos conflitos fronteiriços ou territoriais; as áreas sem controle estatal; os povos sem estados; os novos reordenamentos regionais; os movimentos migratórios internacionais; a ampliação dos movimentos integristas e a dispersão de armamentos. Nas conclusões, está proposto um ordenamento para compreender o período, os impactos no pensamento ocidental e as consequências para a Geografia.

Outra contribuição importante foi o livro de Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, de 1996. O tema central do livro era que "a cultura e as identidades culturais [...] estão moldando os padrões de coesão, desintegração e conflito no pós-guerra fria" (p. 21). Para o autor, a política tornou-se multipolar e multicivilizacional (p. 33). Os estados

⁴ Deve ser destacado que o livro foi escrito como um manual para alunos de 16 a 18 anos, mas o "programa que incomodava tantos hábitos, e restabelecido a tradicional história dos acontecimentos do tempo presente", o livro "fora discretamente retirado da venda, em 1970", conforme apresentação de Maurice Aymard (1989, p. 7).

estariam perdendo soberania, funções e poder (p. 43). Huntington propôs, então, um "paradigma civilizacional", afirmando que as "civilizacões são entidades culturais e não políticas" (p. 60) e que a religião "é uma característica central definidora das civilizações" (p. 67), e que a língua, junto com a religião, é um dos elementos centrais de qualquer cultura e civilização (p. 88). A religião tomaria o lugar da ideologia e o nacionalismo religioso substituiria o nacionalismo secular (p. 160). Huntington definiu, então, as principais civilizações mundiais (Figura 1): (1) a sínica; (2) a japonesa; (3) a hindu; (4) a islâmica; (5) a ortodoxa; (6) a ocidental; (7) a latino-americana; e (8) a africana. Essa divisão foi muito criticada, posteriormente. O autor fez uma proposta de Estrutura das Civilizações. Existiriam: (1) o estado membro, ou seja, um país identificado com a civilização, como o Egito e a civilização arábico-islâmica; (2) o estado núcleo, ou seja, o estado mais poderoso e culturalmente mais importante da civilização, como a Rússia na civilização ortodoxa; (3) os países isolados, que não apresentam aspectos culturais em comum com outras sociedades, como a Etiópia; (4) os países fendidos, ou seja, aqueles que contêm agrupamentos culturais distintos que pertencem à mesma civilização, como a ex-Iugoslávia; e (5) os países divididos, como aqueles que possuem uma cultura predominante, mas seus dirigentes optaram por mudar para outra civilização, como a Turquia.



Fonte: Le Monde Hors-Serie. *L'Atlas des Civilisations*. 2012, p. 121.

O autor destacou dois desafios ao Ocidente: o resultante da afirmação asiática e a do ressurgimento islâmico. Quanto à China, Huntington destacou o legado confucionista: a ênfase na autoridade, na ordem, na hierarquia e supremacia da coletividade sobre o indivíduo. Quanto ao Islã, o autor afirmou que nessa civilização a tribo e a *Ummah* (comunidade de fiéis) são os principais focos de devotamento e o Estado nunca foi importante (p. 293). O Califado e o Sultanato se combinavam numa única instituição governamental (p. 296). O fim do Império Otomano deixou o Islã sem estado núcleo (p. 297). As pessoas no Islã estariam convencidas da superioridade de sua cultura, mas estariam obcecadas com a inferioridade de seu poderio (p. 367). O autor salientou, nessa medida, duas guerras de transição: (1) a soviético-afegã (1979-1989) e a primeira Guerra

⁵ O autor cita que na Ásia Central havia 160 mesquitas em 1989 e seu número passou para 10.000 em 1993 (p. 153).

⁶ O autor dá como exemplo que após o fim da URSS os governos de países turcófonos como Azerbaijão, Quirguistão, Turcomenistão e Uzbequistão que passaram a usar os caracteres latinos (como a Turquia) e deixaram de utilizar os caracteres cirílicos (como a Rússia). Por outro lado, no Tadjiquistão, onde se fala a língua persa, a opção foi pelos caracteres árabes (!) (p. 96).

do Golfo, que seria uma guerra de civilizações por recursos naturais (p. 425 e 432). Uma das afirmações do autor que mais chocou é a de que "as fronteiras do Islã são sangrentas" (p. 444).

Finalmente o autor chegou à conclusão que, no Islã, na América Latina e na África, não havia estados núcleos, e que o Brasil estava para a América Latina (língua) o mesmo que o Irã estava para o Islã (religião).

A contribuição de Kaplan vem do já mencionado livro *The Revenge of Geography: What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate* (2012). O autor começa a primeira parte do livro com o título "Os visionários". Cita Fukuyama e comenta que, nos anos 1990, "os geógrafos tinham perdido sua importância [...], as montanhas afegãs e [...] as estradas iraquianas acabaram com o desprezo de que ela era objeto" (p. 51). Em seguida, comenta que "O realismo repousa sobre a mais concreta, a mais incômoda e a mais determinista das verdades: a da Geografia" (p. 68). Para ele, a "posição de um país sobre o mapa é a primeira coisa que o define" (p. 68-69) e que o objetivo do livro era "adquirir uma expertise dos mapas que nos permitam de nos liberar de suas restrições" (p. 70). Em seguida, revê as contribuições do geógrafo inglês Mackinder (com sua noção de *Hertland*), do alemão Haushofer e dos norte-americanos Spykman (e sua noção de *Rimland*) e Mahan (autor do termo *Middle East*).

Em seguida, passou ao exame do Mapa do Século XXI, começando pela discussão "Do Império Carolíngio à União Europeia"; seguida por "O complexo russo" 7; "O sonho chinês" 8; "A Índia entre dois mundos"; "O despertar do Irã"; "A questão do Oriente nos tempos da Globalização", quando comenta os casos da Turquia, do Iraque e da Síria.

A última parte é sobre "A América face a seu destino", com um capítulo intitulado "Braudel, o México e a visão estratégica", quando conclui que os Estados Unidos são atualmente confrontados com três grandes problemas estratégicos: a instabilidade do Oriente Médio, o avanço da superpotência chinesa e a criminalização do estado mexicano. Pode ser destacado que o Islã, nesse contexto, não foi examinado como um conjunto, mas foram destacados alguns estados.

Outra contribuição importante foi o livro *Géohistoire de la mondialisation*. *Le temps long du monde*, de Christian Grataloup (2007; 2015).

O autor inicia fazendo uma diferença entre "mundialização" e "globalização". A palavra *globalization* teria aparecido em 1943 – na Conferência de Moscou (p. 14). Em francês, para o autor, só teria sentido utilizar a noção de *globalisation* para o processo de unificação financeira mundial (p. 15), na medida em que Grataloup considera a existência do Mundo apenas com as Grandes Descobertas, quando o conjunto dos homens entra progressivamente em interação (p. 12). O Universo designaria o conjunto do real (p. 13). O universal seria, assim, de todo o lugar e de todo tempo (p. 273).

A primeira parte do livro trata de "Os Mundos antes do Mundo", quando o autor afirma que a data da origem do Mundo é o ano 1492. A descoberta da América é comentada com as sete grandes expedições marítimas chinesas realizadas entre 1405 e 1433, tendo a primeira expedição, com 62 grandes navios (Figura 2), viajado por Java, Ceilão, Índia do Sul, Mar Vermelho, Somália e litoral de Moçambique.

A segunda parte é sobre "A Construção do Mundo", quando o autor comenta a captura da América, momento em que houve "uma transferência de riqueza sem precedentes" (p. 151). A transferência de ouro entre 1520 e 1540 para a Europa foi estimada em 35 toneladas (p. 161). Segundo Grataloup, a Europa teria produzido o subdesenvolvimento sob os trópicos. O autor conclui essa parte afirmando que há, no Mundo, duas lógicas em tensão: os lugares se especializam e o espaço é marcado pela distância em relação ao lugar central, iniciador (p. 225).

 $^{^7}$ O autor informou que, em 1453, quando Bizâncio caiu nas mãos dos turcos otomanos, os refugiados gregos afluíram em Moscou, levando suas expertises (p. 253).

⁸ O autor lembrou que a China "perdeu" a Indochina para a França, o Nepal e a Birmânia para a Grã-Bretanha, Taiwan, Coréia e as ilhas Sakalinas para o Japão, e a Mongólia para a URSS (p. 297).

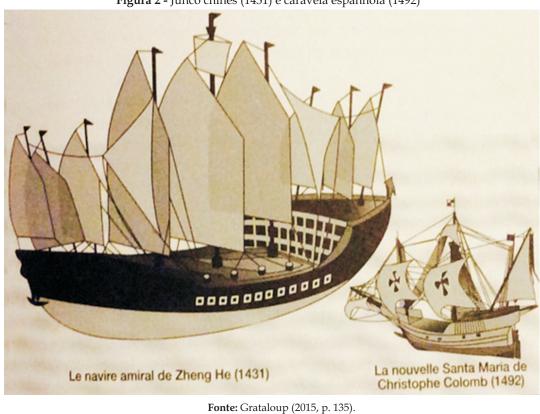


Figura 2 - Junco chinês (1431) e caravela espanhola (1492)

A terceira parte é intitulada "Os limites do Mundo", no qual o autor comenta o Curto Século XX, quando aparecem as contradições: abertura econômica x fechamento identitário. Com a fragilização dos estados, o nível mundial favorece as buscas identitárias que podem ser ancoradas na territorialidade (regionalismo), no grupo (etnicismos) e na religião (fundamentalismos) (p. 267) – sobre este último, o autor cita o avanço da conversão efetuada pelos pentecostais cristãos em países islâmicos, tais como a Argélia (p. 269). São comentadas, em seguida, as crises de 1991 (fim da União Soviética), 2008 (Banco Lehman Brothers) e 2010 (dívida pública grega). O autor conclui diferenciando os territórios, "que parecem designar conjuntos sociais de menor dimensão" e o espaço "seus ambientes mais globais" (p. 301).

O MUNDO ISLÂMICO

Após as discussões das questões mundiais, vamos tentar destacar as especificidades do Islã, a partir de alguns trabalhos escolhidos⁹.

Tudo é iniciado com o profeta Maomé (c. 570-632), na atual Arábia Saudita. As revelações foram iniciadas, em 610 (*Al Corão*). Maomé foge da cidade de Meca para Medina, em 622 (*Hégira*). O profeta entra em Meca com as suas tropas, em 630¹⁰.

É preciso destacar a rápida e extraordinária expansão do Islã. Primeiro, a criação de califados, seguida pela conquista do Iraque aos persas, em 636, da Síria ao Império Bizantino, entre 634 e 638, e das conquistas do próprio Irã, de 638 a 650, do Egito, em 643, da Líbia, em 644, do Magrebe¹¹, entre 694 e 705, e da Espanha, entre 711 e 716. A derrota em Poitiers, na França, em 732, estabeleceu um limite a essa expansão, que ocupa todo o norte da África até a

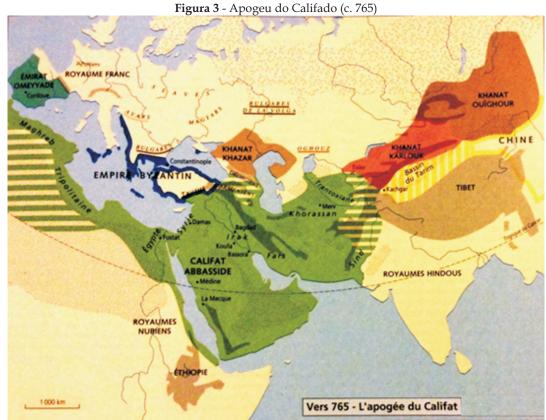
⁹ As principais fontes utilizadas foram o Atlas de Sellier e Sellier (1997) e os livros de Braudel (1963) e Kamel (2007).

¹⁰ O caráter belicoso do Islã pode ser comparado com a pacífica entrada de Cristo em Jerusalém, segundo a Bíblia cristã

¹¹ O Magrebe inclui os atuais Marrocos, Argélia e Tunísia.

a maior parte da península ibérica. Em direção à leste, a expansão continua pela conquista do Afeganistão, do norte da Índia e do Turquestão chinês (os chineses foram derrotados em Talas, em 751). Nessa expansão, foram utilizadas tropas de escravos, como os mameluks turcos e os negros no Egito, em 833. O uso de escravos africanos resultou na revolta de escravos no Iraque, em 869.

Os três primeiros califas dirigiram a comunidade islâmica desde Medina; o quarto califa instalou-se em Kufa, no atual Iraque, entre 656-661; e o quinto, da dinastia Omeyyade, tornou Damasco, a capital, até 750. A partir de 748, foi instaurada a dinastia Abássida e fundada a cidade de Bagdá, também no Iraque, em 762. Diante da imensidão das terras conquistadas, o mundo muçulmano começou a se dividir entre os anos 909 e 975 em três califados: Bagdá, Cairo e Cordóba, na atual Espanha (Figura 3).



Fonte: Selier e Selier (2007, p. 23).

No nível religioso, ocorreu a divisão entre sunitas e xiitas. A discórdia veio com a sucessão do profeta Maomé. Em 660 a divisão estava consolidada. Para os sunitas, a Revelação acabou com a morte de Maomé. O califa seria apenas o chefe do poder temporal. Para os xiitas, há na Revelação significados ocultos que só os imãs teriam acesso (KAMEL, 2007). Os sunitas compõem atualmente 90% dos muçulmanos, ao passo que os xiitas são majoritários apenas no Irã e no Iraque.

O papado e os reinos cristãos reagiram à expansão do Islã com a organização de várias cruzadas, que nos anos de 1097 e 1098 conseguem tomar a cidade Jerusalém. Porém, em 1187, Jerusalém é reconquistada.

Um inimigo externo, porém, veio do Leste: a invasão mongol, a partir de 1265, que resultou no massacre de Bagdá e o fim do califado, em 1258.

Outro invasor externo vai resultar na formação do império Otomano (Figura 4). Por volta do ano 1100, os turcos chegaram ao Irã e a Anatólia, atual Turquia. Em 1453, foi realizada a tomada de Constantinopla, com impacto que vai desde o fim do Império Bizantino às grandes

navegações, tendo em vista o fechamento da rota da Seda. Segue a conquista da Grécia, Sérvia, Bósnia e Albânia, na Europa. Em 1514, os turcos otomanos ocupam Bagdá e, em 1516, tomam a Síria. Em 1517, o sultão Osmanli, torna-se califa de todos os crentes e, então, é realizada a conquista total do Iraque, em 1534. Segue-se pela ocupação da Tripolitania, Tunísia e Argélia, no norte da África. O Marrocos, porém, mantém sua autonomia. Após o domínio dos Balcãs, os turcos otomanos chegam a realizar o cerco de Viena, em 1687 (BRAUDEL, 1989).



Figura 4 - Império Otomano (c. 1600)

Fonte: Selier e Selier (2007, p. 33).

Com o enfraquecimento do Império Otomano, a expansão passa para o imperialismo europeu: o Egito é ocupado pelos franceses, entre 1798 e 1802, e pelos britânicos, em 1882. Adem, no Iêmen, é ocupado também pelos britânicos, em 1839. A Argélia é anexada, em 1848, e a Tunísia, em 1883, ambas pela França; a Líbia é anexada pela Itália, em 1912.

Com o fim do Império Otomano, após a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os franceses recebem o mandato da Liga das Nações da atual Síria e do Líbano, e os ingleses o do Iraque e o da Palestina.

A seguir, começam as independências dos países árabes: Arábia e Iraque (1932), Egito (1936), Síria, Líbano e Transjordânia (1946).

Porém, a implantação dos judeus na Palestina e a independência do Estado de Israel (1948) vão levar às guerras de 1948, 1956, 1967 (Guerra dos Seis Dias) e 1973 (Guerra do Kippur), todas vitoriosas pelas tropas israelenses. Em outro contexto, do mundo muçulmano, ocorre a Guerra do Afeganistão (1979-1989), em que as tropas da União Soviética são derrotadas pela primeira vez.

Segue-se pela Guerra Irã/Iraque (1980-1988), após a fundação da República Islâmica no Irã. As guerras continuaram no Iraque, a partir de 1990, pela invasão do Kuwait, sendo as tropas iraquianas derrotadas por coalizão internacional organizada pelos Estados Unidos. O atentado de 11 de setembro de 2001, em Nova York e Washington, realizado pelo movimento Al-Qaeda, liderado por Osama bin Laden, vai resultar, em 2003, em uma segunda Guerra do Iraque, dessa vez contra Saddam Hussein, liderada, sobretudo, pela coalização Estados Unidos-Reino Unido,

que teve como consequência a queda do ditador e a implantação de um governo de maioria xiita.

Começam, nesse contexto, as chamadas "Primaveras Árabes", em várias tentativas de derrubar regimes autoritários, na Tunísia (12/2010), na Síria (1/2011), no Egito (2/2011), na Líbia (10/2011) e no Iêmen (2/2012).

Em função da crise da derrota iraquiana, em 2003, e da guerra civil na Síria, aparece o Isis-Daesh (Califado Islâmico), que consegue implantar um Estado Islâmico no Iraque, entre 2006 e 2013, contando com apoio dos sunitas iraquianos. Finalmente, a guerra civil na Síria (3/2011) se prolonga e resulta na crise atual dos refugiados (a partir de 2014), com grande impacto na Europa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixo como conclusões, alguns questionamentos que emergiram dessa discussão: diante de tal contexto, é importante elaborar uma perspectiva "do Sul" em relação ao mundo atual? Tem sentido para nós, por exemplo, noções como "Oriente Próximo", "Oriente Médio" e "Extremo Oriente"? Para nós, a China não estaria no "Extremo Ocidente"? Em que medida é possível falar de um declínio do Ocidente ou de uma incompatibilidade de civilizações. Voltarão os geógrafos a se interessar pelas questões mundiais ou elas passarão para o domínio da disciplina das Relações Internacionais?

REFERÊNCIAS

- AYMARD, Maurice. Braudel ensina história. *In*: BRAUDEL, Ferdinand. **Gramática das civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 1-12.
- BADIE, Bertrand. **O fim dos territórios:** ensaio sobre a desordem internacional e sobre a utilidade social do respeito. Lisboa: Piaget, 1996.
- BRAUDEL, Ferdinand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1989 [1963].
- CASTELLS, Manuel. **End of Millennium.** v. 3 « The Information Age: Economy, Society and Culture ». Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 1998.
- _____. **The Power of Identity**. v. 2 « The Information Age: Economy, Society and Culture ». Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 1997.
- _____. **The Rise of the Network Society**. v. 1 « The Information Age: Economy, Society and Culture ». Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell, 1996.
- FUKUYAMA, Francis. The end of History and the last man. New York: Free Press, 1992.
- GRATALOUP, Christian. **Géohistoire de la mondialisation. Le temps long du monde**. Paris: Armand Colin, 2007; 2015.
- HAESBAERT, Rogério (org.). **Globalização e Fragmentação no Mundo Contemporâneo**. Niterói: Ed.UFF, 1998.
- HUNTINGTON, Samuel P. O choque de civilizações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010 [1996].
- KAMEL, Ali. **Sobre o Islã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- KAPLAN, Robert D. La revanche de la géographie. Paris: Eds. Du Toucan, 2014 [2012].
- LACOSTE, Yves (ed.). **Dictionnaire de la Géopolitique**. Paris : Éditions Flammarion, 1993.
- LE MONDE HORS-SERIE. L'Atlas des Civilisations, 2012.
- MARSHALL, Tim. Prisonniers de la géographie. Quand la géographie est plus forte que l'histoire. Paris: JC Lattès, 2018 [2015].
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.
- SASSEN, Saskia. **The Global City**: New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press, 1991.

SELIER, Jean; SELIER, André. Atlas des peuples d'Orient . Paris: La Découverte, 2004; 2007	7.	
VASCONCELOS, Pedro de A. A nova(des)ordem mundial. Cadernos de Geociências , S 4,11/p.39-54,1993.	Salvador,	, n.
A Última Cruzada? Cadernos do Expogeo , n. 2, p. 21-24, jul. 90 a jul. 91.		
Dupla Herança Imperial: a Comunidade de Estados Independentes. Ca Geociências , Salvador, n. 4, 02-05, p. 12-28, 1992.	ıdernos	de

INFORMAÇÕES DO/A AUTOR/A

Pedro de Almeida Vasconcelos

Ph.D em Geografia, Université d'Ottawa. Pós-doutorado na Université de Paris IV - Sorbonne. Professor Permanente no Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, Universidade Católica do Salvador. Professor colaborador no Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Bahia. Pesquisador CNPq 1-A. Membro Titular da Academia de Ciências da Bahia. Membro do Grupo de Estudos Urbanos (GEU).

E-mail: pedro.vasconcelos@pro.ucsal.br, pavascon@uol.com.br

Orcid: orcid.org/0000-0002-1859-7154 Lattes: lattes.cnpq.br/6592341965132312

Recebido em 17/08/2020 Aceito em 20/09/2020